



Juventude e Discernimento Vocacional: o encontro pessoal com Cristo como princípio e fundamento da vida feliz

*Youth and Vocational Discernment:
the personal encounter with Christ as the principle and
foundation of a happy life*

Gilmar Antônio Aguiar

Resumo

A vocação é dom de Deus, é o encontro entre duas liberdades, daquele que chama e propõe e daquele que é chamado e se dispõe. Os jovens, inseridos num contexto de muitas vozes e palavras, podem facilmente escutar, mas não identificar a voz de Deus que os chama a viver uma vida “radical”, um seguimento esmerado e perseverante na construção de um mundo onde há justiça e paz para todos. Parece relevante o desejo de uma proximidade e de um exercício de interioridade para ouvir a voz do Pastor. Nesse processo de despertar e discernimento é importante a presença de pessoas que auxiliam na orientação e direcionamento vocacional. Todavia, a escolha será sempre pessoal e única, pois, implicará o sentido da vida e a realização enquanto pessoa humana, isto é, uma vida feliz.

Palavras-chave: Juventude. Vocação. Sentido. Projeto de vida. Discernimento.

Abstract

Vocation is a gift from God. It is the encounter between two freedoms, the one who calls and proposes a way, and the one who is called and disposes to follow this way. Inside in a context of many voices and words, young people can easily hear this, but they do not identify God’s voice who calls them to live



a “radical” life, grounded on a careful and persevering discipleship in order to build a world of justice and peace for all. The desire for closeness and an exercise of interiority to hear the voice of the shepherd seems relevant. In this process of awakening and discernment, it is important to have the presence of people who help in a vocational direction. However, the choice will always be personal and unique. It will imply the meaning of life and a full existence as a human person, that is, a happy life.

Keywords: Youth. Vocation. Meaning. Life project. Discernment.

Introdução

O assunto que escolhemos tratar neste artigo ganha relevância no âmbito da vida religiosa, mais precisamente no processo do despertar vocacional dos jovens. A argumentação levará em consideração as novas gerações, ou seja, a juventude “lincada”, isto é, imersa no meio digital, que busca a realização pessoal e o sentido de sua vida, que passa, necessariamente, por escolhas e um processo de discernimento.

O processo de descobrir a vocação leva cada pessoa a uma busca contínua para fazer a escolha certa. Todavia, faz-se necessário uma clareza do sentido da vocação. Podemos dizer que vocação é um dom de Deus, cultivado no coração humano. Essa é uma construção que envolve os elementos essenciais – divino e humano – a vocação é de Deus, que ganha forma e ressonância na vida das pessoas, sobretudo, na vida dos jovens que buscam sua realização pessoal.

A felicidade é a meta de todos, porém, está condicionada a escolha livre e pessoal. Se a pessoa faz a opção certa será feliz, embora, reconhecemos as contingências humanas. Em contrapartida, existem pessoas – formadores e orientadores – que se preparam e se dedicam ao processo de despertar, de acolher e de acompanhar o discernimento vocacional. Assim, os jovens vão compreendendo que têm uma missão bastante exigente pela frente: descobrir a vocação e trabalhar na construção de um mundo melhor, fundamentado no amor a Deus e ao próximo.

Para melhor desenvolvimento do tema abordado, estruturamos este trabalho em três partes, a saber: *primeira parte* – ofereceremos uma visão panorâmica da juventude e novas gerações, partindo do seu contexto até a descoberta do sentido de sua vida; *segunda parte* – falaremos da importância



do discernimento e do acompanhamento espiritual, como momento de crescimento humano e capacidade de viver segundo um projeto de vida; *terceira parte* – dialogaremos com o ponto central do nosso artigo – o encontro pessoal com Cristo – momento fundamental na vida de qualquer pessoa, de modo especial, o jovem que se dispõe ao seguimento de Jesus e abraça um projeto concreto de vida, por exemplo, a decisão de optar pela Vida Religiosa Consagrada (VRC).¹

1. Juventudes e novas gerações

No contexto de desafios e oportunidades que estamos inseridos tudo parece ser conjugado numa massificação, esquece-se de algo fundamental, a singularidade, ou seja, somos gente, cada um com a sua história e mistério. No entanto, parece desafiador falar de juventude, quando observamos a diversidade de “caras e bocas” no mundo juvenil. Pensamos que nos expressamos melhor quando usamos o termo “juventudes e novas gerações”. As juventudes sabem o que querem, embora não pareça; por isso, dentro de um processo de escolha de vida é importante que os jovens possam estabelecer vínculos por meio de um relacionamento sadio, humano e sincero, com outrem.

1.1. A pessoa humana

Cada vez mais cresce em nós a consciência de que é preciso dizer o óbvio “o ser humano” é gente, é pessoa humana. Ele nasce, cresce, amadurece e descobre-se a si mesmo na relação com o outro. O outro pode ser compreendido como tudo aquilo que está fora de si mesmo, ou seja, uma outra pessoa ou aquilo que o transcende. Esse outro possibilita a pessoa revelar-se. Há um despertar de identidade e de personalidade. A pessoa descobre-se que não é uma coisa, um objeto, mas se vê como alguém que possui inteligência, vontade, consciência e liberdade. É um ser completo, que vive em uma contínua construção, descobertas e paradoxos.

Segundo Cencini os jovens vivem um paradoxo,

Por um lado, ao desempenho social, religioso e político e, por outro lado, tende para todas as formas de diversão, evasão e ao consumo, rico mais

¹ Trabalho dissertativo de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Formação Humana, pelo CEPPEV – Centro de pós-graduação, pesquisa e extensão sociedade educacional – IATES, Curitiba-PR, em 2015.



interessado em viver o momento presente, da melhor forma possível, do que projetar e preparar seu próprio futuro.²

Notamos que para além da questão temporal – presente, passado e futuro – está o papel do diretor ou formador de facilitar a aprendizagem e ensinar os jovens a integrar objetividade e subjetividade. Hoje valoriza-se demais a subjetividade. “A pessoa está enfocada quase unicamente em seus próprios problemas e necessidades, em um culto ao narcisismo”.³ É importante buscar uma harmonia para que a pessoa compreenda que ela é um mistério profundo, imune contra toda violação e com desejo profundo de uma autorrealização, que começa com as escolhas.

Para Cencini, o homem é ontologicamente mistério, ou seja, a pessoa humana é aberta ao divino e procura dar lugar para Deus em sua vida. Caso venha a pessoa afastar-se ou perder o mistério, ela fica pobre e paralisada.

Viver o mistério de modo autêntico significa, pois, viver o próprio progresso como elaboração do mistério, com toda a sua carga de tensão suportada e de surpresa exaltante, aceitando a vocação do ser humano e, portanto, do próprio eu, que se situa ‘numa mediação dinâmica entre a sua miséria e dignidade, entre o seu ser e o seu não-ser, entre o seu ser temporal e o ser na eternidade, entre o seu ser corporal e o seu ser espiritual, entre o seu ser finito e o seu ser infinito.’⁴

Nesse sentido, viver a experiência do mistério é um processo profundo de encontrar-se consigo mesmo e, conseqüentemente, abrir-se ao relacionamento com os outros. Viver autenticamente o mistério significa estar conscientes de que somos vocacionados. Essa compreensão da vivência do mistério nos capacita atingir o sentido que nos impulsiona a viver em plenitude e não na superficialidade o chamado de Deus, em todas as fases da nossa vida.

1.2. A juventude hoje

A juventude é um estágio da vida muito importante, isto é, “ciclo da vida em que se concentram os maiores problemas e desafios, mas, é, também, a fase de maior energia, criatividade, generosidade e potencial para o engajamento”.⁵

² CENCINI, A., Os jovens ante os desafios da vida consagrada, p. 7.

³ FABRI DOS ANJOS, M., Vida religiosa e novas gerações, p. 91.

⁴ CENCINI, A., Redescobrimo o mistério, p. 11.

⁵ CNBB, Doc. 85, 26.



Os jovens não são adolescentes nem adultos. Estão, segundo normas brasileiras recentes, entre os 15 e 29 anos de idade, devido a efeitos de políticas públicas. Esse período estendeu-se ganhando dimensões para as quais a sociedade ainda não tem respostas nem medidas. Daí decorre que a inclusão dos jovens, no trabalho e na vida eclesial, é um desafio constante, pois requer uma adequação de espaço, de linguagem e de atividades que favoreçam a construção de seus projetos de vida.

As novas gerações, nos diferentes âmbitos de vida, têm seguido uma pista falsa para chegar à casa da felicidade. Pensam muito em possuir, em conquistar e em serem servidos; tudo o que as novas gerações chamam de “realização”. Realização, entretanto, é dar e receber, pois quem quiser ser o maior entre vós, disse Cristo, que sirva a seu próximo (Mt 23,11). Além do mais, as novas gerações buscam modelos e referências, que podem estar perto ou longe: em casa, no trabalho, nas amizades, na comunidade paroquial e nas comunidades virtuais – *WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter*.

Sem sombra de dúvida, nesses meios podem encontrar muitos líderes e mestres, mas nenhum que se equipare a Jesus Cristo.

(Esses líderes e mestres) podem indicar o caminho e apontar a porta, mas não são o caminho nem a porta. Quando encontramos o caminho, podemos legitimamente esquecer o líder ou o mestre. Jesus Cristo, porém, sendo Deus, é, Ele mesmo, “Caminho, Verdade e Vida”. Assim, seguir o caminho é entrar no Caminho, é entrar em Cristo e Cristo em nós, numa profunda “interioridade mútua”.⁶

O caminho que nos faz buscar o sentido é uma estrada interior. Um caminho de interioridade para vivermos plenamente a intimidade com Aquele que nos fascina com sua proposta de vida. O desafio é saber discernir, escolher e trilhar esse caminho com alma e coração.

1.3. A busca de sentido

Segundo Cencini “a vida é mistério e o mistério é vida”.⁷ Entretanto, o que se busca é a integração e o diálogo entre vida e mistério, ou seja, um mistério humano-divino, a vida humana é o lugar onde se revela o mistério divino. “A história de cada pessoa é o espaço real onde o mistério se torna

⁶ CNBB, Doc. 85, 53.

⁷ CENCINI, A., A história pessoal, morada do mistério, p. 22-26.



visível, embora este visível não seja tão evidente, ou possa ser decodificado logo de imediato”.⁸

Parece-nos que na vida humana, quando tomada pelo mistério divino, ocorre um processo de descoberta do sentido. É bastante natural observar nos jovens a ansiedade, a dúvida e a busca de respostas. No desejo de afirmar sua identidade despertam para uma realidade desafiadora, isto é, sair de um mundo de desejos e limites e entrar no mundo dos adultos, tão desejado, mas temido. Essa travessia é um caminho tenso, que leva a integração de muitas capacidades, a saber: enfrentar a realidade, fazer renúncias, aprender a lidar com a frustração, integrar a sexualidade e afetividade, ser autêntico, ser capaz de amar os outros e descobrir sua vocação.

O Documento de Aparecida, recordando João Paulo II, descreve que os jovens são sensíveis a descobrir a sua vocação e estabelecer amizade com Jesus, eles:

São chamados a ser “sentinelas do amanhã”, comprometendo-se na renovação do mundo à luz do Plano de Deus. Não temem o sacrifício nem a entrega da própria vida, mas sim uma vida sem sentido (...) Em sua procura pelo sentido da vida, são capazes e sensíveis para descobrir o chamado particular que o Senhor Jesus lhes faz.⁹

Por isso, é a própria pessoa que busca as razões e o sentido da sua vida.

O desejo de significado não é um impulso que empurra o ser humano, mas um valor que o atrai. A vida faz uma pergunta a todo ser humano e todo ser humano deve respondê-la comprometendo-se, sendo responsável. A pessoa que não encontra sentido para sua vida se ampara no vazio existencial que se demonstra no aborrecimento, na depressão, na falta de ânimo, em não saber que fazer com o tempo e que desemboca numa frustração existencial que, por sua vez, pode estar compensada pelo desejo de poder, pelo desenfreno sexual e pela ânsia de dinheiro.¹⁰

Dentro desse horizonte cada pessoa é motivada a descobrir o mistério que a impulsiona a buscar o sentido último de sua existência. Deus ao criar o ser humano, o criou à sua imagem e semelhança, deu-lhe espaço e tempo, não o abandonou no “nada”, mas acumulou de capacidade para escolher entre o bem e o mal (Gn1,26-31). No entanto, o discernimento vai acontecer, amiúde, ao

⁸ CENCINI, A., A história pessoal, morada do mistério, p. 27.

⁹ DAp 443.

¹⁰ PRADA RAMÍREZ, J. R., Psicologia e formação, p. 136-137.



longo da sua história de vida pessoal. Desse modo, é fundamental fazer opções consistentes, coerentes e duradouras, mediante uma forte experiência de fé, que levará ao descobrimento de si e do outro, por meio do amor, que é o sólido fundamento do sentido da vida.

2. Discernimento vocacional e acompanhamento espiritual

A realidade que atravessamos é problemática. Em um mundo marcado pelo consumismo, pelo provisório e pelo descartável, a impressão que se tem é que tudo passa a ser facilmente excluído ou deletado. No entanto, a história humana nos ensina que as coisas materiais não conseguem preencher o ser humano em todas as suas dimensões e, por isso, ele passa a buscar o transcendente que é o próprio Deus.

Deste modo, assistimos a um despertar das pessoas pela realidade espiritual nas suas diversas manifestações. Na busca desta experiência espiritual encontramos a Orientação Espiritual, que pode contribuir no desenvolvimento da relação com Deus e com os outros, sendo, assim, um caminho pedagógico de discernimento vocacional e acompanhamento espiritual.

2.1. Discernir é preciso

O discernimento vocacional é algo dinâmico e sem ele podemos, a qualquer momento, cair em abismos ou crises. No entanto, graças a assistência do Espírito Santo somos amparados em nossa finitude. “Discernir uma vocação implica para o candidato um exercício de busca da vontade de Deus sobre ele e, ao mesmo tempo, um exercício de disposição livre de sua pessoa a realizar essa vontade divina”.¹¹

Segundo Cabarrús, o discernimento é claramente um processo pessoal e ousado, de “deixar-se levar”.¹² O discernimento é um processo pessoal e livre. Cada pessoa adentra num processo de descoberta e conhecimento de si mesmo, principalmente, e, conseqüentemente, tem a capacidade de abrir-se aos outros, isto é, aos diretores espirituais, confessores, profissionais da área da psicologia, formadores e amigos.

A vida do cristão é permeada de questionamentos, de modo especial, na fase da juventude. Há sempre perguntas básicas: qual o sentido da existência?

¹¹ GARCÍA DOMÍNGUEZ, L. M., Discernir o chamado, p. 19.

¹² CABARRÚS, C. R., A pedagogia do discernimento, p. 16.



Qual caminho deve ser seguido? Qual o horizonte que se pode esperar? O que se faz da vida no presente? A resposta para essas indagações deve ser buscada levando em consideração o contexto em que a pessoa se encontra, sua experiência de fé (atitude de abertura, escuta e oração), também, perguntar-se: o que é a vocação cristã? Em Deus encontraremos além das respostas, um amor extremado, concreto e fiel.

O discernimento cristão se faz a partir da luz do Senhor que nos dá paz, consolo, alegria, esperança e horizonte; ousar viver e optar com base no que se sentiu durante a oração de contemplação é a questão fundamental para conhecer a vontade de Deus (...) E com os olhos de Deus, olhemos o nosso passado para assumi-lo em paz, sintamo-nos salvos no presente e olhemos o futuro com espírito de esperança e novidade.¹³

Nesse processo de discernimento, novidades e repostas, o Papa Francisco nos convidou a participar de uma grande proposta ao proclamar a abertura do Ano da Vida Consagrada – início 30 de novembro de 2014 e término, com a festa da Apresentação do Senhor no Templo, em 2 de fevereiro de 2016 – suscitou e convidou a todos os cristãos, mas, sobretudo, os religiosos e as religiosas de vida consagrada para viverem a alegria da consagração, deixando explícito que o passado deve ser olhado com gratidão, viver o presente com paixão e abraçar o futuro com esperança.

Na alegria da vivência da vida consagrada o que nos acompanha é o discernimento, um processo contínuo e necessário. Desse modo, faz-se *mister*, dizer que existem alguns tipos de discernimento: pessoal, compartilhado, comunitário e apostólico. Aqui seguimos a descrição de Carlos Cabarrús, conservando os tipos seguidos de breve comentário.¹⁴

- a) *Discernimento pessoal* – refere-se a escolha e eleição de um estado de vida ou mesmo as eleições do dia a dia;
- b) *Discernimento compartilhado* – ocasião em que se compartilha com Deus ou diante do grupo aquilo que está vivendo ou moções que aparecem;
- c) *Discernimento comunitário* – tem por finalidade descobrir que exigências o Senhor vai fazendo e por onde vai impulsionando a vida cotidiana;
- d) *Discernimento apostólico* – é uma decisão sobre o que deve ser

¹³ SASTRE, J., Discernimento vocacional, p. 135.

¹⁴ CABARRÚS, C. R., A pedagogia do discernimento, p. 17.



criado ou reorientado na busca e construção do Reino de Deus na história.

Esses tipos de discernimentos corresponderão a uma metodologia distinta, respeitando o tempo e a capacidade de cada um em assimilar e orientar suas moções e vontades. Além disso, podemos verificar, segundo Rupnik, duas etapas do discernimento: 1) *purificadora* – que leva a pessoa a uma experiência de Deus mais autêntica, movendo para um maior conhecimento de si e de Deus; 2) *o discernimento se torna habitus* – o ser humano se desenvolve naquilo que é chamado a ser, vivendo em uma atitude de diálogo e descobrindo, dentro de uma relação cuidadosa, que não está sozinho nesse caminhar.¹⁵

2.2. Estabelecendo relações: acompanhante e acompanhado

O ser humano é um ser relacional. Ele não se desenvolve sem a presença do outro. Quanto mais o ser humano descobre sua pessoa e vivencia essa dimensão dialógica, tanto mais cresce em importância toda a sua existência humana e sua presença no mundo. A pessoa, estando em relação, em re-criação do seu ser, exprime-se como um todo. Quanto mais nossa existência pessoal se desenvolve, tanto mais fácil se integra à sua realidade humana global.

Nesse processo de despertar, descobrir e discernir a vocação é imprescindível a clareza dos papéis – acompanhante e acompanhado, orientando e orientado, formando e formador – para que se estabeleça uma verdadeira relação de ajuda. Para facilitar nossa compreensão um primeiro elemento que nos ajuda é tomado da Palavra de Deus, pois, o agente primeiro da formação é o próprio Deus. Por isso, olhemos a pedagogia revelada na caminhada dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35).

“Fica conosco, Senhor” (v. 29). Após o episódio da cruz (paixão, morte e ressurreição de Jesus) dois discípulos viajaram para o povoado chamado Emaús. Como lemos no texto, parece que estavam desiludidos e sem esperança. Enquanto caminhavam, um forasteiro – Jesus – o Ressuscitado, os alcançou, se aproximou, caminhou com eles e, pouco depois, os seus olhos se abriram. Na dinâmica entre acompanhado e acompanhante, a passagem dos discípulos de Emaús pode nos dar pistas importantes sobre essa relação.

Aproximar-se – Ter coragem de se chegar mais perto de quem busca ajuda e precisa ser ajudado, isto é, estabelecer uma proximidade e não uma

¹⁵ RUPNIK, M. I., O discernimento, p. 27-30.



dependência. É fundamental ajudar o acompanhado a se ajudar, de maneira especial, desenvolver as suas aptidões e ter clareza nas escolhas e opções.

Caminhar com – Após aproximar-se, é muito importante escutar atento a tudo que se fala ou é deixado de falar, dentro do assunto e do contexto. Assim aconteceu quando Jesus recordou as Escrituras. Quando nos propomos a escutar o outro, a fim de ajudá-lo, cria-se um ambiente onde aparecem muitas informações, histórias e sentimentos que devem ser interpretados e devolvidos abertamente para o acompanhado, a fim de responsabilizá-lo.

Discernir – O “abrir os olhos” nos mostra que discernir é uma atitude que brota de uma experiência profunda de Deus. Os dois discípulos só reconheceram Jesus, o Ressuscitado, e logo retornaram ao encontro dos Onze. Na mesa em que se partilha o que se tem, revela-se o segredo do discipulado: a intimidade com Cristo, a fração do pão, a Eucaristia.

Como notamos, a proximidade, o estabelecimento de um caminho e o discernimento são elementos indispensáveis na vida dos cristãos, de modo especial, dos jovens. Por isso, exige muita paciência dos acompanhantes para com os acompanhados, pois os jovens precisam ser estimulados a aprofundar, a confrontar e a buscar o sentido de sua vida, para que possa tomar uma decisão com serenidade, sem atropelar o processo, respeitando o seu momento de vida.

Desse modo destacamos os papéis de quem orienta e de quem é orientado. O *acompanhante* é alguém que se dispõe a ajudar os outros, consciente de suas habilidades e limitações. Dentre as atitudes de alguém que se dispõe a acompanhar um jovem, espera-se: capacidade de ler e entender sua interioridade, ser alguém comunicativo e que demonstre respeito e carinho pelo outro, ser discreto, coerente e responsável para com os conteúdos das conversas e entrevistas, promover o acolhimento da história de vida da pessoa e ter a capacidade de confrontar tudo aquilo que levará ao crescimento o acompanhado. Dito de outra forma, significa estar pronto para ouvir, entender e aceitar os sentimentos expressos sem julgamento prévios, sem criticar ou ameaçar, mas acolher e consolar.

O *acompanhado* é o sujeito da ação, não é um sujeito passivo. Ele é a pessoa mais importante do processo de acompanhamento, pois a sua atenção e compromisso estão no cultivo da amizade com Deus, alimentando as suas esperanças, fortalecendo sua identidade e adentrando sempre mais no mistério divino. Assim, podemos observar suas inquietações e desejos, vejamos:

O(a) acompanhado(a) poderá, às vezes, desejar enfrentar outros assuntos e problemas que ele considera mais urgentes, doloridos e desafiadores.



Será tarefa do(a) acompanhante entender se tal proposta merece ser correspondida ou se é uma fuga, uma defesa para não acolher o desafio do sofrimento e do medo.¹⁶

Por isso, o relacionamento estabelecido entre acompanhante e acompanhado será sempre eficaz quando houver um respeito mútuo com a individualidade e autonomia de ambos. É importante levar o acompanhado a adquirir a capacidade de encontrar uma saída para as suas questões, como também, o acompanhante deve sentir-se estimulado pelo interesse e abertura às orientações e sugestões. No entanto, muitas vezes, há situações e problemas que não se resolvem de modo rápido e direto, é preciso tempo e “escavação”, porque a pessoa ainda não tem forças, respostas e elementos para a resolução da questão.

2.3. Orientação espiritual e projeto de vida

Na busca da compreensão e do sentido da vida, na elaboração e concretização de um projeto de vida é fundamental encontrar pessoas dispostas e disponíveis para ajudar na caminhada formativa: o formador(a). Segundo Vítório essa pessoa deve ter posturas adequadas nas relações com os formandos, pois cada formando é um mistério. Será no processo formativo que abrir-se-á a oportunidade para lidar com o universo do outro. Para tanto, o formador(a) deverá facilitar o desenrolar desse processo de ascense, isto é, crescimento humano-vocacional e espiritual.¹⁷

Para Sciadini, no processo formativo há três personalidades importantes: Deus, que se apresenta como formador do coração da humanidade; a pessoa, que dotada de liberdade, pode escolher o seu caminho e uma terceira pessoa é o diretor espiritual (o formador(a)). A sua tarefa não é fácil, requer uma grande responsabilidade, porque será ele/ela quem acolherá a pessoa e procurará fazer com ela mesma se ajude, isto é, o próprio indivíduo deve decidir sobre o seu futuro.¹⁸

Um passo importante para o progresso na caminhada do jovem é contar com o auxílio de um diretor espiritual que o ajude no desenvolvimento de um projeto de vida, elaborado a partir das relações estabelecidas consigo mesmo, com Deus, com os outros e com o mundo. No entanto, cabe, necessária e primordialmente, perguntar: qual o projeto de Deus para mim? O projeto de

¹⁶ TOMASI, F. L. M., Ouro testado no fogo, p. 228-229.

¹⁷ VITÓRIO, J., A pedagogia na formação, p. 79.

¹⁸ SCIADINI, P., A pedagogia da direção espiritual, p. 49.



vida nasce como uma luz para guiar os passos de quem desejar trilhar o caminho de seguimento de Jesus. Há uma razão fundamental: amar a Deus e servir o próximo. “O projeto não se faz de uma hora para outra, nem é algo pré-fabricado, mas é uma necessidade que vai surgindo enquanto se faz o caminho e se clareia o ideal de vida”¹⁹

Daí decorre outro elemento: a orientação ou direção espiritual está estritamente vinculada à experiência que alguém faz com Deus. Para falar sobre direção espiritual é indispensável a experiência religiosa e de fé. Sem essa dimensão fica complicado realizar um acompanhamento espiritual. Pode-se definir a direção espiritual como uma ajuda de uma pessoa para com outra. Esse auxílio possibilita o ajudado a intensificar o seu relacionamento com Deus, para que se torne uma relação confiante, amiga, íntima e pessoal, abrindo-se às aspirações e aos desígnios divinos.

O núcleo da direção espiritual é fazer com que o dirigido ou orientando viva a sua vida em um profundo relacionamento íntimo com Deus. É fundamental estabelecer essa relação na liberdade. A liberdade é a mola propulsora que favorece o diálogo entre Deus e a pessoa. Nesse processo, o conhecimento racional não é desprezado, mas é o amor a base da experiência religiosa. Esse relacionamento pessoal entre Deus e o ser humano tem sua plenitude no amor, revelado em Jesus Cristo, pois, na base do agir cristão está a experiência do amor de Deus.

3. O encontro pessoal com Cristo

Na experiência pessoal o ser humano encontra-se com o Outro por excelência, que o faz reconhecer o valor e a importância da pessoa humana e da relação interpessoal. Quando o ser humano progride na relação com Deus, conseqüentemente, melhora a sua relação com as pessoas. Também, à medida em que a pessoa vai crescendo na sua experiência espiritual, pode ocorrer um processo de maturidade nas outras dimensões de sua vida. Daí decorre, a importância de uma integração entre fé e vida.

3.1. Fé e vida

A vida vivida em Cristo é experiência de fé. Por isso, a juventude deve ser estimulada a encontrar-se com o Senhor e estreitar o elo de amizade para gerar

¹⁹ SCIADINI, P., A pedagogia, p. 171.



comunhão, seguimento e missão. O diálogo entre fé e vida foi externado, enquanto a seu conteúdo e forma, na multidão de jovens que se juntaram para celebrar a fé e o encontro com Jesus, por exemplo, na Jornada Mundial da Juventude, Rio-2013. Isso, de fato, foi uma forte expressão de fé, mas, sobretudo, manifestação da ação pneumática de que o Espírito sopra onde quer (Jo 3,8).

No entanto, para a formação dos discípulos missionários é fundamental acolher a vocação como dom de Deus e abrir-se ao processo de apaixonamento por Jesus. Por isso, o documento de Aparecida aponta os seguintes passos: o Encontro com Jesus Cristo, a Conversão, o Discipulado, a Comunhão e a Missão.²⁰ Cada etapa revela a complementaridade e a intrínseca ligação entre elas, ou seja, no caminho de encontro com o Senhor se faltar um desses elementos não acontecerá um encontro autêntico, que visa um crescimento integral, querigmático e permanente. Vejamos cada etapa do caminho:

O *Encontro com Jesus Cristo* – esse encontro dá origem à iniciação cristã, que renova os discípulos missionários de Jesus Cristo e, imbuídos, pelo anúncio do *querigma* e pela ação missionária da comunidade dão testemunho de corações verdadeiramente convertidos.

A *Conversão* – é a resposta primeira de quem escutou o Senhor e n'Ele depositou sua fé, aceitando as consequências de viver um seguimento radical para alcançar a vida verdadeira.

O *Discipulado* – o envio e seguimento de Jesus fundamenta o ser discípulo missionário que enfrenta os desafios da vida com serenidade e coragem apostólica.

A *Comunhão* – a vida cristã só existe dentro da comunidade: nas famílias, nas paróquias, nas comunidades de vida consagrada, nas comunidades de base, nas outras pequenas comunidades e movimentos. A comunhão deve ser a forte expressão da fraternidade e solidariedade de quem se propõe a viver o amor de Cristo.

A *Missão* – quem segue o Senhor, o faz porque o conhece e o ama, pois, ir ao mundo e anunciar Jesus Cristo, com alegria, é prova de quem acolheu e entendeu sua vocação: doar-se pelo irmão.

A vida é dom e vocação. Todos descobrem, pela fé, que a primeira vocação é o chamado à existência. De tal modo, que não podemos separar a vida da nossa experiência de fé, que ganha consistência na missão abraçada. A missão que todos nós temos é continental, sem fronteiras. “A missão da Igreja

²⁰ DAp 278.



é, pois, continuação da missão de Jesus. Enquanto tal, é revelação do amor de Deus e criação de possibilidades de vida plena para os seres humanos”.²¹

Viver a missão não é simplesmente uma tarefa, mas é um estilo de vida e um compromisso que assumimos com Jesus Cristo. É ser aberto à escuta, acolher as diferenças, respeitar as opiniões, ser capaz de amar a Deus e servir o próximo, permitindo que cada um seja protagonista de sua história.

3.2. O protagonismo do jovem

O Documento de Aparecida insiste no encontro pessoal com Jesus. A relação com Jesus não é teórica, mas real e verdadeira. Olhando para a realidade contemplamos os novos rostos dos pobres, a esses se deve ir como Jesus fez e ensinou.²² Jesus passou pela vida fazendo o bem, curando e libertando as pessoas; Ele sempre mostrou predileção pelos pobres, doentes, marginalizados e excluídos.

Para abraçar esse grande projeto, inicialmente, o jovem deve sentir-se motivado.

As motivações constam de um fim e de um impulso, conferindo o sentido e a força que novem uma pessoa conseguir as metas a que se propõe. A Igreja pede ao candidato que, no momento de abraçar a vocação, ‘proceda com retidão e com liberdade’. As motivações vocacionais, junto com a consciência do chamado, impulsionam o candidato a abraçar a vocação de uma maneira responsável, dinâmica e em constante superação.²³

O jovem será protagonista da história, a partir de sua história pessoal de vida, em que, livremente, dará uma resposta aos desafios que a vida concreta lhe apresenta, seja no campo profissional ou vocacional. O desafio que se apresenta, em meio a tantas vozes, é distinguir a voz de Jesus, o bom Pastor. Desse modo, abre-se um caminho de seguimento dos passos do Mestre, isto é, nasce um seguidor, um discípulo. A ele confia-se uma missão: evangelizar. Tal missão brota do encontro pessoal com o Mestre, que o capacita e envia: “Ide, fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos” (Mt 28, 19).

²¹ OLIVEIRA, J. L., Viver em comunidade para a missão, p. 68.

²² DAp 402.

²³ MARTOS, J. C., Animação vocacional, p. 174.



3.3. Decisão vocacional: a Vida Religiosa Consagrada é uma opção

A evangelização e o seguimento de Jesus revelam que a vocação é um chamado universal, mas a resposta é íntima e pessoal. Deus chama quem Ele quer, com a livre iniciativa do seu amor (1Jo 4, 8.10.19; Mc 3,13). Seguindo uma reflexão mais apurada, Bombonato fala que o seguimento de Jesus, na verdade, trata-se de um prosseguimento com Espírito porque a vocação é vista em sua totalidade como uma maneira de expressar a identidade cristã.²⁴

Como sabemos, existem muitos modos para vivermos o dom do chamado divino, pois, Deus nos concede a liberdade para optarmos por uma vocação específica: sacerdotal, matrimonial, laical ou vida religiosa, esta última, revela sua essência na consagração definitiva pela profissão dos conselhos evangélicos, pobreza, castidade e obediência, e do carisma e espiritualidade de cada família religiosa masculina ou feminina. Assumir a vocação religiosa é uma forma de responder ao apelo que mexe com o que há de mais profundo em nós mesmos, pois confiamos na Palavra do Senhor, “Não fostes que me escolhestes, mas eu que vos escolhi” (Jo 15,16).

A vida religiosa não se define primeiro em função de sua utilidade, mas em relação ao símbolo que ela constitui, o testemunho do amor todo-poderoso de Deus. O que caracteriza de fato o chamado para a vida religiosa é esta consagração total de todo o ser a Deus através da imitação de Cristo na profissão dos conselhos evangélicos: a pobreza, a castidade e a obediência. A vida religiosa não é marcada como o casamento ou a ordem pela celebração de um sacramento específico, ela é o cumprimento pleno da graça batismal. Portanto, é por fidelidade à graça recebida no batismo e na confirmação que um homem ou uma mulher pode entregar totalmente sua vida a Deus, vivendo como Cristo, pobre, casto e obediente.²⁵

A vocação à Vida religiosa é um chamado a consagrar-se inteiramente a Jesus, seguindo-o, estreitando o vínculo de amizade e, mormente, colocando-se a serviço dos irmãos e irmãs, doando a vida inteira por amor. E, assim, sob a assistência e força do Espírito Santo, muitos homens e mulheres, se uniram a outros para viverem alicerçados no mesmo ideal, num mesmo carisma, formando comunidades, seja de vida monástica, contemplativa ou ativa e nos institutos seculares. É o que chamamos de carisma fundacional – aquilo que

²⁴ BOMBONATTO, V. I., Seguimento de Jesus, p. 353.

²⁵ SOUBIAS, H., Como discernir sua vocação? p. 37.



caracteriza cada família religiosa, masculina ou feminina – o modo de seguimento de Jesus, isto é, uma opção de vida, que para muitos, é assumida de forma pública.

Além disso, mencionamos a vida comunitária como um elemento importante à vida religiosa. Segundo Kearns, a vida em comunidade está sempre em processo, nunca está completa ou perfeita. Por um lado, a comunidade desperta para os momentos de fraternidade, partilha, alegria e crescimento mútuo, mas, por outro lado, enfrenta forte confrontos e conflitos, por exemplo, a competição, o desamor, disputa de poder e até infidelidades. No entanto, a vida religiosa em comunidade quer ser um ambiente acolhedor, um lugar de perdão e reconciliação, onde se propõe a viver a radicalidade do seguimento de Jesus e a gratuidade do amor de Deus.²⁶

Conclusão

O desejo mais profundo do ser humano é ser feliz. A felicidade é um estado orientado para Deus-Trindade, que é Amor (1Jo 4,8). Efetivamente, a realização pessoal implica a opção fundamental da pessoa, isto é, o que deseja ser e fazer na vida e para a vida. O ponto central é Deus revelado e encarnado na pessoa de Jesus Cristo, que chama e mostra a profunda ligação entre vocação e missão, da qual não se pode descuidar, pois, a todos foi confiada a missão de levar o Evangelho aos povos (Mc 16,20).

Um religioso ou uma religiosa não nascem prontos. É fundamental um processo que possa abranger as várias dimensões humanas. Dessas podemos destacar a espiritual, porque toda pessoa que começa a trilhar esse caminho, à luz da Palavra de Deus, precisa realizar um acompanhamento de discernimento vocacional, pois escutando o chamado de Deus, poderá compartilhar com alguém, que possa escutar, orientar e encaminhar. Nesse diálogo, poderá questionar acerca das potencialidades e desejos da pessoa, por exemplo: qual o sentido da vida? Você se vê realizada no casamento ou na vida religiosa? O que é a felicidade? Descobrir a vocação não é fácil, mas é possível.

Desse modo, é premente o desafio de atualizar o sentido do seguimento dos jovens, discípulos missionários de Jesus, a começar pelo desejo profundo de fazer um contínuo encontro pessoal com Jesus Cristo. Nesse encontro, descobre-se que o chamado que Jesus faz é uma proposta assinada por Deus, isto é, a vontade de Deus une-se com a nossa para efetivar um projeto de vida.

²⁶ KEARNS, L., A teologia da vida consagrada, p. 32-43.



Daí decorre uma forte decisão vocacional, que será possível mediante um processo de autoconhecimento e um ato de fé maduro. Em cada escolha está implicada a realização pessoal do jovem, ou seja, sua felicidade está condicionada à sua opção, pois, a vida feliz será consequência de opções e escolhas feitas, responsável e livremente.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência do episcopado latino-americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus / Paulinas, 2007.
- CNBB. **Evangelização da juventude**: desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas, 2008. (Doc. 85).
- BOMBONATTO, V. I. **Seguimento de Jesus**: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CABARRÚS, C. R. **A pedagogia do discernimento**: a ousadia de “deixar-se levar”. São Paulo: Loyola, 1991.
- CENCINI, A. **A história pessoal, morada do mistério**: indicações para o discernimento vocacional. São Paulo: Paulinas, 1999. (Coleção Animadores de pastoral juvenil e vocacional).
- CENCINI, A. **Redescobrimo o mistério**: guia formativo para as decisões vocacionais. São Paulo: Paulinas, 1999. (Coleção Animadores de pastoral juvenil e vocacional).
- CENCINI, A. **Os jovens ante os desafios da vida consagrada**: interrogações e problemáticas. São Paulo: Paulinas, 1999. (Coleção Animadores de pastoral juvenil e vocacional).
- FABRI DOS ANJOS, M. (Org.). **Vida religiosa e novas gerações**: memória, poder e utopia. Aparecida: Editora Santuário, 2007.
- GARCÍA DOMÍNGUEZ, L. M. **Discernir o chamado**: a avaliação vocacional. São Paulo: Paulus, 2010.
- KEARNS, L. **A teologia da vida consagrada**. Aparecida: Editora Santuário, 1999.



- MARTOS, J. C. **Animação vocacional**: para tempos difíceis e exigentes. São Paulo: Ave-Maria, 2010.
- OLIVEIRA, J. L. **Viver em comunidade para a missão**: um chamado à vida religiosa consagrada. São Paulo: Paulus, 2013.
- PRADA RAMÍREZ, J. R. **Psicologia e formação**: a psicologia aplicada à formação sacerdotal e à vida consagrada. Aparecida: Editora Santuário, 2013.
- RUPNIK, M. I. **O discernimento**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- SASTRE, J. **Discernimento vocacional**: proposta de encontros vocacionais para jovens. São Paulo: Paulinas, 2000.
- SCIADINI, P. **A pedagogia da direção espiritual**. São Paulo: Loyola, 2006.
- SOUBIAS, H. **Como discernir sua vocação?**: ele está chamando para o casamento, sacerdócio, vida consagrada. São Paulo: Paulinas, 1999.
- TOMASI, F. L. M. **Ouro testado no fogo**: acompanhamento psicoespiritual entre mistério e seguimento. São Paulo: Paulinas, 2007.
- VITÓRIO, J. **A pedagogia na formação**: reflexões para formadores na vida religiosa. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção carisma e missão).

Gilmar Antônio Aguiar

Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo
Discente do Projeto Abertura do Departamento de Teologia da Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: gilscamilo@yahoo.com.br

Recebido em: 04/09/2021
Aprovado em: 02/12/2021